

# Boletim

I SÉRIE  
 .....  
 31  
 DE  
 DEZEMBRO  
 DE  
 1947  
 .....  
 ANO I N.º 6  
 .....  
 PREÇO 2\$00

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

EDITOR: ARQ JERÓNIMO REIS	PROPRIEDADE DA A. A. E. (SECÇÃO CULTURAL)	DIRECTOR NIGINO AUGUSTO PIRES	Redacção e Administração (PROVISORIA) RUA 11-483 ESPINHO	COMPOSTO E IMPRESSO TIP. PROGRESSO — ESPINHO —
------------------------------	--	----------------------------------	---	--

PUBLICA-SE MENSALMENTE

**CRITICA SOCIAL**

**NOMES FEITOS**

Eu sou contra os *Nomes Feitos*. Aborreço-me, irrita-me, o marasmo e a monotonia do Dia de Hoje, sempre igual ao Dia de Amanhã. A hora é dos *Novos*, custe o que custar doa a quem doer. Mas o que é necessário acima de tudo, é que os *Novos* não se neguem a si próprios e não venham à liça dos problemas locais com um aspecto e uma atitude tímida, seguindo, passo a passo, o trajecto sinuoso ou rectilíneo dos sistemas de crítica social por outros traçados. Não podemos continuar assim. Temos o dever, a obrigação, de sermos coerentes com a época que atravessamos. A época exige o debater dos problemas que se erguem palpitantes na vida económico-social do Concelho, e a crítica às suas realizações e soluções. Ano a ano as Faculdades fabricam *génios intelectuais*, que na posse de um diploma se consideram árbitros do pensamento político-social do Concelho, e seus préstos e futuros dirigentes.

São-no de facto? Ignoramo-lo. Debatem-se os problemas vitais do Concelho à mesa do café, na esquina duma rua, com a restrita e luminosa presença de uma claqué sem personalidade e muitas vezes sem dignidade.

Que fazem os *Novos*? Quem os conhece? Onde estão os futuros dirigentes de Espinho? Quais as suas ideias, programas ou sistemas? As perguntas, em parte formuladas por Gino Serpi em artigo anterior, não têm resposta. Os *Novos* escondem-se atrás da personalidade dada por um canudo, lisonjeiam os velhos e, só assim conseguem ascender aos lugares do comando político-social do Concelho. Os velhos, os *Nomes Formados*, devem ter razão quando dizem que a Mo-

Continua na pág. 5

**EDITORIAL**

**O X ANIVERSÁRIO da Associação Académica de Espinho**

Falar da vida de uma colectividade que se dedica, de preferência, a tarefas culturais, sociais, beneficentes e recreativas, tarefas normalmente de acção pouco conhecida e apreciada e abraçando a prática de modalidades desportivas de rudimentar popularidade, com excepção do hoquei em patins, é missão ingrata e árdua. Tudo quanto se escreva e diga em abono do seu mister, serve em muitos casos para, inexplicavelmente, causar tédio aos leitores ou ouvintes, pela indiferença que essas obras clubistas, ainda que valiosas, merecem da Multidão. Se a colectividade é rica de proveitos materiais, se pratica modalidades que apaixonam o público ou ainda se à frente dos seus destinos estão capacidades de nome consagrado poderá, mais pelas consequentes facilidades dos seus cabedais ou categoria dos seus mentores, realizar a aspiração de merecer o apoio e apreço do público. Mas se se dedica a obras ignoradas, a desportos impopulares e se os dirigentes não possuem relações sociais de peso, espiritual ou material, agravado tudo com minguados recursos financeiros, então a atenção do público, essa "mole" egoista e procurando avidamente sensações, volta as costas e esquece completamente a colectividade. E tem sido dentro deste esquecimento, quasi desprêzo, dos espinhenses, que a Ass. Académica de Espinho tem vivido e lutado pela sua existência, arrostando com todas as contrariedades e obstáculos.

Na verdade, dez anos de vida de um clube como a Ass. Académica é qualquer coisa de admirável, inestimável garantia de muitos e futuros anos sempre melhorando. Essa garantia é aquilatada pela vitalidade demonstrada nos dificilimos dez primeiros anos, difíceis por falta dos consistentes alicerces agora cimentados e perfeitamente ligados.

Vencidos os obstáculos representados pelas dificuldades; arredada pela experiência, a possibilidade de graves prejuizos derivados do desconhecimento; batidas pela luta as chicanas e incongruências de certos indivíduos de viscosa e pútrida formação moral e social; contrariada a normal quebra de entusiasmo, pela falta de auxílio moral do povo de Espinho e finalmente ganha a idoneidade clubista indispensável em dez anos de luta, antevejo a continuação duma Obra que se prevê útil e progressiva.

Feito o "balanço" da vida da Associação Académica de Espinho durante os seus dez primeiros anos, posso, sem receio, afirmar que dadas as condições em que proliferou, a existência do clube raia os primórdios heroicos da virtuosa *Raça Portuguesa*.

Nigino Augusto Pires  
Vice-Presidente da Direcção

**MARÉS VIVAS**

**Uma tragédia marítima que enlutou Espinho e todo o Paiz**

Passado o período de horrora depressão provocada pela terrível tragédia marítima ocorrida nos primeiros dias deste mês de Dezembro, tragédia que enlutou muitas famílias de Espinho, verifica-se tanto da parte do Governo e entidades oficiais, como de muitos particulares, um movimento de grandiosa solidariedade, tendente a minorar a tormentosa infelicidade de muitos lares, totalmente desfeitos pela trágica ocorrência.

Dado que os subsídios sejam atribuídos até à maioridade das crianças, que se transformarão, a seu tempo, em outros tantos pescadores, e que as subsistências a fornecer aos velhos e viúvas, quando incapazes, sejam atribuídas durante um período longo e suficiente, ainda essas participações de solidariedade nacional terão o devido valor. Mas se, esquecida pelo rodar dos tempos a tragédia e suas nefastas consequências, esse auxílio for diminuído até à extinção pura e simples, antes de ser verificada a solução do problema, então toda a obra que se apresenta invulgar cairá pela base. Perder-se-á o esforço de todos e a solidariedade actual poderá tomar aspectos perniciosos de simples paliativos enganadores, o que, tristemente, não é original no nosso, como em outros países.

Meridionais, sentimentalistas e apaixonados como somos, vi-

Continua na pág. 5

A Direcção do "Boletim" e a Associação Académica de Espinho, saúda e deseja um

**NOVO ANO FELIZ**

a todos os Assinantes, Anunciantes Sócios, Simpatizantes e Amigos

Ainda S. Ex.<sup>cia</sup> a Moda

Permitam-me que, primeiro, cite a imortal, a angustiosa observação mandada da U. N. O., para Portugal, pelo historiador Armando Curtas São: "Fomos um povo de descobridores! Se tudo agora fica descoberto, que nos resta para descobrir?"

Atribuíram-me, num "inquérito", umas frases que eu não disse. Pois cá me têm. Aquilo não reflecte nada a minha psicologia. Aquêles "talvez...", aquelas reticências, aquêles mau gosto das "saías debruadas a ouro", aqueles amores pelo balão ridículo e bojudo, tudo, enfim, é absolutamente ao contrário da minha maneira dogmática, da minha prosa tersa, das minhas preferências pelas côres escuras, das minhas veleidades artísticas. Se me viessem interrogar, eu responderia, apenas: "Compridas! Deixem-se dêsse galhar malcriado: Curtas! Curtas! Curtas!"

Onde se apresentam razões

Nem sempre usamos a lógica. Parece que todos deviam concordar em que o verdadeiro, o melhor atributo da Mulher é a feminilidade. Mas as coisas não são o que parecem. Agora, vai-se preferindo na Mulher a... masculinidade. Quais são as mulheres de que se gosta? Das que saiem sôzinhas ou apenas com rapazes e para onde calhar; das desenvoltas que falam com um desembaraço vertiginoso e que têm resposta para tudo; das americanizadas que marcham com passo marcial; das modernas que se não ruborizam, que se mostram em tanga diante de nós, que cruzam a perna, que fumam, que falam o calão; das que dançam qualquer dança e de qualquer modo; das que abordam qualquer assunto (e que assuntos, às vezes!); das influenciadas pelos filmes, todas de um só figurino, igualadas ao homem, livres, emancipadas, sabendo beijar e... sabendo da vida; das capazes dos serviços masculinos e amando tais serviços mais do que os do seu sexo. Destas é que se gosta. Ora eu compreendia que, por uma questão de egoísmo, se apreciasses isto nas mulheres... dos outros; mas na própria noiva ou na própria esposa... não percebo! A subida da saia, o moderno fato de banho, a desnudação, etc., representam o regresso à animalidade, o materialismo inferior, o razamento do espírito. A fêmea permanece. Mas a Mulher é mais do que fêmea (e quando a queiram reduzir a tal, a Mulher que reaja!). Por isso é que a fêmea acaba por saciar e perder o interesse, caso não amemos nela a Mulher. Esta é

O CINEMA

ORIGEM

Há opiniões divergentes. Uns atribuem a sua invenção ao francês Lumière-inventor das lâmpadas Lumiar. Outros acreditam que foi Edison, mas na realidade uns e outros laboram em erro pois aquêles que primeiro agitou a ideia, foi o nosso já conhecido Adão Sô.

Parece que um dia, em que este sujeito discutiu um pouco com D. Eva, esta rompeu a chorar duma maneira alarmante, ameaçando-o por entre dentes: — Bruto... Estúpido... Queixar-me-ei à mamã.

Adão empalideceu. Tentou um sorriso, mesmo amarelo, mas não o conseguiu. Tremia como varas verdes, quando sentiu que alguém lhe tocava ao de leve no ombro e uma voz roufenha lhe sugeriu ao ouvido:

— Não sejas "anjo"... Onde é que ela tem a mãe?... Não vêes que é tudo "fita"?

Entre surpreso e receoso, Adão voltou-se. A seu lado, a serpente palitava os dentes, depois de ter comido uma soberba maçã... cristalizada — modernizou-se, hem?

Mas Adão já não via ninguém. Nos seus ouvidos, ressoava a palavra "fita", badalando-lhe interiormente num ritmo assustador e aos seus olhos, como que apareceram filas e filas de moedas empilhadas, muito branquinhas, a rebrilhar ao sol. Primeiro, as de dois e quinhentos, depois as de cinco escudos (ou seria ao contrário?... Eis um ponto ainda não esclarecido). Mais longe, notas, milhares de notas, também ordenadas e já contadas...

— Tens dúvidas? inquiriu o réptil.

— Não... tenho dúvidas... e já sei onde está o "furo".

A partir daquele momento o destino do Cinema estava traçado

Hoje, a arte das imagens, constitue uma das mais notáveis fontes de renda dos países produtores e agora, que em Portugal a sua produção entrou em regime de franca continuidade, eu acho útil lançar estas bases científicas, destinadas a todos aquêles que se desejam iniciar nesta nôvel arte. Elas constituirão o fundamento e a estrutura dos conhecimentos necessários a quem quiser fazer Cinema e dado o reduzido âmbito deste jornal, limitar-nos-emos ao

Cinema em Portugal

Quando uma firma produtora se abalança à confecção dum filme, terá de entrar em linha de conta com 3 espécies de elementos fundamentais — os elementos primários, os secundários e os terciários. Tratemos, em separado, de cada um.

Elementos primários — temos a considerar um "pato", um vi-

garista e um contador.

O "pato", a quem chamam também de capitalista, é considerada a unidade de maior "peso" dentro do quadro total.

Estas unidades são cada vez mais raras em Portugal...

O vigarista, recebe o nome técnico de realizador, e quanto ao contador, que também é conhecido como argumentista, a sua função, geralmente é engendrar uma história sem pés nem cabeça, ou então que tenha os pés onde devia ter a cabeça e vice-versa, pelo que, modernamente, em vez de argumentista, há quem lhe chame antes malabarista.

Elementos secundários — côr, luz, som, planificação e sequência.

Côr — geralmente o director de côr é um preto, mas atendendo a que, em Portugal se usa unicamente o filme a preto e branco, há vantagem em substituir o preto por um mulato.

Luz — consiste em iluminar o que devia ficar no escuro e deixar no escuro, o que devia ser iluminado. O seu director pode ser um fabricante de velas.

Som — a cargo dum fogueteiro.

Planificação — é a arte de fazer planos. Estes dividem-se em 2 categorias — os planos do filme e os planos do realizador. Evidentemente que os de maior interesse são os últimos e que se resumem unicamente à Espanha e ao Brasil

... Também seria loucura exigir mais...

Sequência — ... mas... quem já viu um filme português com sequência?

Temos de considerar ainda, os figurinistas.

Aliás, esta classe tende a desaparecer com o notável incremento que estão a tomar os filmes de Tarzan.

Elementos terciários — os intérpretes.

Os intérpretes estão geralmente divididos em 3 categorias: o rapaz (vulgarmente, um calmeirão dos diabos), a rapariga (com 50 anos de "cadastro", mas a armar em ingénua) e o cínico (que na vida real é incapaz de matar uma môsca.)

Condições para ser "rapaz"

- não perceber nada de cinema . . . . . 80%
ter um bom "padrinho". . . . . 20%
talento . . . . . 0%

... para ser "rapariga"...

- ser muito amável com o realizador . . . . . 80%
saber cantar o fado. . . . . 20%
talento . . . . . 0,0%

... para ser cínico...

- apanhar pancada até criar calo . . . . . 80%
voz grossa e grandes bigodeiras . . . . . 20%
talento . . . . . 0,00%

Também os há de voz aflau-

Ainda S. Ex.<sup>cia</sup> a Moda

corpo e alma, espírito e matéria, graciosidade, pureza, encanto. Parece-se com as rosas e é delicada como elas; assemelha-se ao cristal, e como o cristal é frágil. E' curvas doces para as carícias e não músculos rijos para o combate. Tem suavidade e leveza. Melhor a simboliza a gazela do que a leão. Tôda ela é um desenho esquisito e fino como a renda. O Homem é a vaga e a Mulher a espuma. Saiu dos rins dela para o cingir e não à sua frente colocada para o igualar. Esbelta e flexível, subtil como um perfume, algo de criança, de serpente, de cordeal e de sonho — a Mulher é a maravilha máxima da Criação. Mas quando assim — afinal, quando é Mulher.

Arredem, portanto, daqui o ôlho lúbrico. Em vez de contemplarem o caso pelo prisma materialista (aos materialistas presenteio o cacófato), em vez de fumagens comunistas de que todos vejam, quanto mais melhor as pernas de tôdas — considerem o problema pelo lado da estética. São mais belos os vestuários que as mulheres estão a desdenhar ou aqueles que as mulheres vão agora vestindo?

Eu conheço-o, D. Sebastião. Sei que não é platónico, mas que também não é materialista. Por isso, talvez nos entendamos. O argumento que você emprega contra os vestuários que veem chegando é o de que são antigos, já se usaram noutros tempos. Iguais, iguais — não; parecidos — sim. Mas, meu caro, sempre assim foi! Tôdas as modas são decalcadas sobre modas anteriores! As de 1600, como as de 1800, como as de 1900, como as de 1942! Não empregue essa arma contra a moda de 1947, mas sim contra a Moda, em geral! Consulte uma "História do Trajo" e benzer-se-á com a canhotia! A rede do cabelo já era usada entre os primeiros egípcios; os "drapes" nasceram entre eles; as romeiras e as golas, também; as mulheres etíopes pintavam as unhas; os trajes de Carlos Magno assemelhavam-se aos dos reis hebreus; os assírios frizavam o bigode... os barbudos e os barbeados alternam pela História além (e nós somos retrógados, porque não barbeamos, como os da Revolução Francesa, como os gregos... como os primeiros egípcios...); os colarinhos não gomados precedem os engomados (não sejam retrógados!...); os trajes femininos do Directório e do...

Continua na pág. 4

tada e êsses são os piores... O cínico, geralmente é assustoso, embora, segundo uma moderna teoria, o assassino da fita seja o próprio realizador... Não se, caro amigo Armando Miran da?

# CORPOS GERENTES DA ASS. ACADÉMICA DESDE A SUA FUNDAÇÃO

ASS. GERAL	1938 A. Geral	39 / 39 A. Geral	40 / 40 S. Geral	41 / 41 A. Geral	42 / 42 A. Geral
<b>ASS. GERAL</b> Presidente Vice-Presidente 1.º Secretário 2.º Secretário	Manuel Soares Mota José Corte Real Amadeu A. Morais Alberto L. Vita	Dr. Constante Pereira Dr. Joaquim Rios Orlando P. Pais Manuel Baptista	Dr. Constante Pereira Dr. Joaquim Rios José A. Sá Azeredo José Corte Real	Joaquim P. Morais José Corte Real Lino Duarte Luz Sérgio Gonçalves	Dr. Vasco Luis M. Nunes Ferreira Amparo Santiago Alberto L. Vita
<b>DIRECÇÃO</b> Presidente Vice-Presidente Secretário Geral Secretário Adjunto Tesoureiro 1.º Vogal 2.º Vogal	<b>Direcção</b> Joaquim Bastos José A. Sá Azeredo Lino Duarte Luz Félix Pereira de Sá José André de Lima	<b>Direcção</b> Dr. Mário V. Leal Manuel Soares Mota Amparo Santiago Amadeu A. Morais José André de Lima Lino Duarte Luz Joaquim Pinheiro Morais	<b>Direcção</b> Dr. António Nunes Neves Amparo Santiago Manuel Baptista José M. Valente A. Virgínio Pereira Jerónimo F. Reis Orlando P. Pais	<b>Direcção</b> António Gomes dos Santos Jerónimo F. Reis Manuel Baptista Higino A. Pires Carlos Ramos Pereira A. José M. Valente A. Virgínio Pereira	<b>Direcção</b> Dr. António Nunes Neves Jerónimo F. Reis Manuel Baptista Higino A. Pires Lino Duarte Luz Joaquim Amaral Coutinho M. Augusto Anjos Neves
<b>SUBSTITUTOS</b>	<b>Substitutos</b>	<b>Substitutos</b>	<b>Substitutos</b>	<b>Substitutos</b>	<b>Substitutos</b> Sérgio Gonçalves Alberto Barbosa
<b>C. FISCAL</b>	<b>C. Fiscal</b>	<b>C. Fiscal</b>	<b>C. Fiscal</b>	<b>C. Fiscal</b>	<b>C. Fiscal</b>
Mário Ramos Alberto Rezende Manuel Baptista	Joaquim F. Cadinha Milton C. Pinho José A. Sá Azeredo	Milton C. Pinho Alberto L. Vita Ernesto Sousa	Milton C. Pinho José André Lima Mário D. Ramos	Milton C. Pinho José André Lima Mário D. Ramos	A. José M. Valente Marçal Oliveira Duarte Mário da Rocha Neves

## CORPOS GERENTES PARA 1948

### ASSEMBLEIA GERAL

- Presidente - Dr. António Nunes das Neves
- Vice-Presidente - Dr. Elísio Duarte Gomes
- 1.º Secretário - Alberto Jorge Pinheiro Brandão Barbosa
- 2.º Secretário - Armando Alves de Morais

### DIRECÇÃO

- Presidente - Higino Augusto de Assumpção Pires
- Vice-Presidente - Arq.º Jerónimo Ferreira Reis
- Secretário Geral - Alberto Lídio Vita de Oliveira
- Secretário Adjunto - António Ferreira Gaio
- Tesoureiro - Milton da Cunha Pinho
- Vogal - Francisco Rosa Giraldes Caldeira
- Vogal - Carlos Pinheiro de Morais

### SUPLENTES

- Presidente - Dr. Alfredo Virgínio de Barros Pereira
- Secretário - Marcelino Duarte Estevão
- Tesoureiro - Joaquim do Souto
- Vogal - Raúl Pinto Correia de Oliveira

### CONSELHO FISCAL

- Presidente - Elísio de Sousa Ferreira Baptista
- Secretário - Sílvio Ferreira da Silva
- Relator - Victor Hugo Pereira Martins

(sujeitos a aprovação superior)

ASS. GERAL	43 / 43 A. Geral	44 / 44 A. Geral	45 / 45 A. Geral	46 / 46 A. Geral	1947 A. Geral
<b>ASS. GERAL</b> Presidente Vice-Presidente 1.º Secretário 2.º Secretário	Dr. Nunes Neves Dr. José M. Valente Amparo Santiago Sérgio Gonçalves	Dr. António Nunes Neves José Corte Real Amparo Santiago Manuel Baptista	Dr. António Nunes Neves Alberto Lídio Vita Henrique Sousa Alirio E. Magalhães	Dr. António N. Neves Dr. Amadeu A. Morais Henrique Sousa Milton C. Pinho	Dr. António Nunes Neves Dr. Elísio Duarte Gomes Henrique Sousa Henrique Fernandes
<b>DIRECÇÃO</b> Presidente Vice-Presidente Secretário Geral Secretário Adjunto Tesoureiro 1.º Vogal 2.º Vogal	<b>Direcção</b> Dr. Vasco Luis Jerónimo F. Reis Higino A. Pires Mário Martins Almeida M. Nunes Ferreira Manuel Baptista Alberto Barbosa	<b>Direcção</b> Arq.º Jerónimo F. Reis Dr. A. José M. Valente Higino A. Pires Mário D. Ramos A. Virgínio Pereira Francisco F.ª de Almeida António Guimarães Santos	<b>Direcção</b> Dr. Joaquim Pinto Valente Jerónimo F. Reis Higino A. Pires Mário D. Ramos Franklin Reis M. Augusto Anjos Neves Milton C. Pinho	<b>Direcção</b> Dr. Joaquim Pinto Valente Jerónimo F. Reis Higino A. Pires Mário D. Ramos António F. Gaio Francisco Caldeira Elísio S. F. Baptista	<b>Direcção</b> Arq.º Jerónimo F. Reis Higino A. Pires Francisco Caldeira Carlos P. Morais António F. Gaio Alberto L. Vita Victor Hugo Martins
<b>SUBSTITUTOS</b>	<b>Substitutos</b> Félix P. Sá Elísio S. F. Baptista	<b>Substitutos</b> Lino Duarte Luz Mário Grijó Caridade	<b>Substitutos</b> Elísio S. F. Baptista Anibal Castro Lacerda	<b>Substitutos</b> Victor Hugo Martins	<b>Substitutos</b> Eng.º Orlando P. Pais Joaquim do Souto Hernani Domingues
<b>C. FISCAL</b>	<b>C. Fiscal</b>	<b>C. Fiscal</b>	<b>C. Fiscal</b>	<b>C. Fiscal</b>	<b>C. Fiscal</b>
Marçal Oliveira Duarte Mário R. Neves Napoleão Amorim	Elísio S. F. Baptista Mário R. Neves João Costa Martins	José Corte Real António Guimarães Santos Sérgio Gonçalves	Dr. Ramiro T. Virssimo Dr. A. Virgínio Pereira Henrique A. Eça	Dr. Ramiro T. Virssimo Dr. A. Virgínio Pereira Henrique A. Eça	Sérgio Gonçalves Elísio S. F. Baptista Milton C. Pinho

Ainda S. Ex.<sup>cia</sup> a Moda

Continuação da pág. 2

Império inspiram os de 1920 e imitam os gregos e os romanos (e estes imitam os da Ásia Menor); os gibões italianos do séc. XIV são largos e os do séc. XV são apertados; as calças quatrocentistas são justas (as do Romantismo serão também justas); os quinhentistas usam cabelo comprido, mas no séc. XX cortamo-lo como os helenos; os bandós que por aí vão surgindo, já os trouxeram Cléo de Mérode (séc. XIX), Maria Mancini (séc. XVII), romanas do Império e gregas da decadência. Mas o cúmulo está em que a veste curta traziam-na as longínquas espartanas e as remotíssimas egípcias mulheres do povo (e bem por cima do joelho!). As mulheres da Idade das Cavernas também se tinham de limitar às peles — trajó bastante curto! E até se vier a moda das mulheres andarem nuas — nem isso é novidade, veja lá! Fugamos das coisas retrógradadas. D. Sebastião!... Olhe que regressamos á tanga selvagem e (com swing e quejandos) à música primitiva e aos batuques!

Por consequência, D. Sebastião, o seu argumento só o leva a Alcácer Kibir...

Mas você afirma (sem aduzir razões) que a saia comprida se opõe aos princípios plásticos e estéticos. Francamente, não sei porquê. Só se você chama graça e elegância ao que os seus olhos se habituaram a ver (não estará nisso a causa da sua fobia?) Porque ficam bem e são distintas as nossas avós com saia comprida e não o ficarão as nossas namoradas? Veja no filme "A Batalha do Pó de Arroz" como as beldades são graciosas, elegantes e distintas! Cinta mais estreita, talhe mais feminino, mais esbelto, vulto mais sereno e mais espiritual (liames para o coração), mistura de solenidade e de graça, como rainha-criança. Enfim: exil-se do que você se habituou a vêr, saia fora da engrenagem que lhe deforma a visão, suponha-se entre as jóvens daquele filme, naquele tempo; e diga-me se as acha deselegantes! Não se prenda com a época! Situe-se, unicamente, no plano estético!

## Onde se concorda com D. Sebastião

Num ponto, porém, estamos de acôrdo: — Quanto à loucura feminina em se deixar arrastar por tudo que lhe proclamem ser moda! E' manifestação de inferioridade (apoio!). Quando ela quiser acompanhar a "Ditadora", mas conscientemente. Saiba porque o faz: pelo "clima" ideológico o pedir, por ela gostar e por lhe ficar bem; não, somente porque se usa.

## A propósito do X Aniversário da Associação Académica de Espinho

— Quando uma Associação Cultural, Desportiva ou de Recreio, festeja mais um aniversário é de uso que todos se preocupem em elogiar a tarefa realizada e em vaticinar um futuro cheio de esplendor para a Associação em festa.

— Sucede que por vezes não há efectivamente que elogiar e que a apatia do passado não consente vaticínios de melhor futuro.

E' portanto de elementar prudência que antes de louvar se analize esse passado, se pesem os trabalhos já realizados, de modo a obter elementos que permitam avaliar até que ponto são legítimos os elogios e admiração por aqueles a quem cumpriu a tarefa feita.

E assim surgem naturalmente as perguntas:

— O que fez a Associação Académica até agora?

— De que recursos dispôs para conseguir os seus fins?

Recordemos:

No campo desportivo manteve em actividade permanente várias Secções com brilho especial no Oquei em patins e em campo, no Voleibol e episódicamente no Basquetebol e no futebol. Firmou uma reputação sólida de desportivismo, nas Associações em que se filiou, adquiriu posição de grande relevo no Oquei em patins e no Voleibol e sobretudo deu sempre um exemplo perfeito de isenção e amorosismo raro nos tempos correntes.

No campo cultural, ainda que com menos continuidade que no campo desportivo por desinteresse e esterilidade do meio, tomou a iniciativa de organizar e realizou Récitas de amadores, saraus, jogos florais, conferências, exposições, grupos orfeónicos, jornais de divulgação de que o Boletim actual é um grande exemplo, etc.

Havemos de concordar que é bastante.

Mas repita-se a interrogação

Em outro artigo direi as causas da Moda hodierna, pois as Modas reflectem as ideias da época e a sua visão da existência, como a forma de vestir reflecte o temperamento pessoal.

Que, de resto, isto apenas documentou uma opinião diversa da sua. Para que se não diga que o "Boletim" tomou posição... Eu, como português, repugna-me que as terras a conquistar, se descubram a si mesmas...

Forentino Gouart Nogueira

## O BODO DE NATAL

aos indigentes do concelho

A exemplo dos anos anteriores foi distribuído por ocasião das Festas do Natal um "Bodo aos Pobres", distribuição que esteve a cargo da Santa Casa da Misericórdia de Espinho, uma das nossas melhores instituições de assistência concelhia. Os contemplados

já feita.

— De que recursos dispôs para conseguir seus fins?

— E' na resposta a esta pergunta que mais avulta o mérito do trabalho produzido. Se este em si mesmo é já de valor real e insofismável, se atendermos à exiguidade de meios, por vezes inacreditável, com que foi realizado torna-se excepcional e digno da nossa admiração.

— De facto, sempre a Associação Académica lutou com aflitiva falta, quer de recursos humanos — veja-se quão restrito tem sido sempre o núcleo de rapazes a sustentar e continuar a tarefa que se impuzeram — quer de recursos materiais, tão grande esta que às vezes só o elevado espírito de sacrifício de alguns conseguiu remediar.

Mas souberam esses poucos através de todas as contingências manter viva a sua Associação.

São na verdade bem dignos dos nossos elogios e da nossa gratidão.

Dão-nos ainda garantias mais que suficientes quanto ao futuro.

Mas terá esse futuro de ser forçosamente igual ao passado, amassado no trabalho e sacrifício de alguns poucos?

Não poderá ser mais desafogado e melhor?

De nós todos depende a resposta. Se em vez de nos conservarmos como espectadores e críticos do esforço dos outros os auxiliarmos eficazmente tanto moral como materialmente, fornecendo-lhes as facilidades e possibilidades que agora lhes faltam, o seu trabalho anterior afirmamos que muito hão-de fazer para um melhor futuro da colectividade, e afinal para nosso próprio benefício.

Nesta data festiva não regateamos os nossos louvores e tenhamos esperança no futuro da Associação.

António Nunes das Neves

— cerca de 600 famílias — verificaram uma vez mais que a Caridade é uma das virtudes do Povo de Espinho, que embora solicitado com frequência para fins identicos ou de solidariedade diversa, se não cansa de minorar a miséria dos indigentes não só lo concelho, como também a de alguns adventícios.

Além dos auxilios fornecidos pelo Sr. Governador Civil do Distrito, que as "Conferências de S. Vicente de Paula" distribuíram pelas comissões assistenciais de Espinho e freguesias, também é justo destacar o donativo de dez mil escudos, entregue pela Comissão Municipal de Assistência.

Abandonando o processo anterior de peditórios, em separados, feitos por cada uma das diversas entidades assistenciais ou de acção social, este ano reuniram-se para um único peditério as seguintes entidades: Comissão Municipal de Assistência, Conferências de S. Vicente de Paula, Santa Casa da Misericórdia de Espinho, Legião Portuguesa, Delegação Escolar de Espinho e Grémio do Comércio de Espinho e Feira.

por "todos os jornais"...

Finalmente se declara que o "Boletim" da A. A. E. procurará dirigir-se ao desejo de todos, logo que seja autorizado a ser mais assíduo na casa de cada um.

## Começou a cobrança e a incompreensão!

Postos os recibos das assinaturas do "Boletim" nas mãos do cobrador, começou a aparecer a mesquinhez e a incompreensão dos eternos e inferiores egoístas de sempre.

Como é fácil verificar, o jornal veio a público para servir os interesses sociais, culturais, morais, recreativos, e desportivos da Ass. Académica e da terra que lhe deu o nome. Para isso se editou uma publicação de bom aspecto e que não envergonha — como está provado — a pequena imprensa da provincia, seja qual for o ramo que siga de preferência.

E' evidente que não se pretende determinadamente obter perdas materiais, mas não deve esquecer-se que o lucro material possível, dentro da rigidez condicionada aos fins para que se propôs, não é o único fito, nem o principal.

Deste modo o número de assinantes que começa no Director e termina nos sócios ou simpatizantes, passando pelo Editor, Administrador, Redactores e Colaboradores, que pagam as suas assinaturas como qualquer leitor, atingiu depressa o número de meio milhar que está, presentemente, ultrapassado.

Aguardada serenamente a opinião do público e assente em bases sólidas a vida do "Boletim" vamos solicitar autorização para uma mais frequente saída do jornal — que poderá ir até a publicação semanal — visto que, felizmente e na generalidade, o nosso jornalzinho foi bem acolhido e o nosso esforço apreciado.

E' pois pequena a parte dos espinhenses (?) obnoxios e de "cérebro obtuso" que regateiam o pagamento adeantado dos anúncios ou assinaturas, forma de cobrança normalmente adoptada, ou que tendo recebido diversos exemplares só deram conhecimento da sua desistência na ocasião da cobrança.

Indivíduos dessa categoria, usufruindo regalias sem preocupação do cumprimento dos seus deveres, podem encontrar noutros campos lugar fértil para os seus manejos. Mas nós que não estamos dispostos a acolher ou continuar o silêncio tecido à volta dos seus actos egoístas, permitindo-lhes continuar incólumes, não temos qualquer dúvida em criticá-los apontando-os clara e publicamente, em letra de fôrma, os seus processos de "bem viver" parasitariamente.

De resto a assinatura, aceitação ou compra do "Boletim" facultativa, como é óbvio, e não a nossa intenção exercer qualquer espécie de coacção sobre quem não adquira, coacção impossível e despresada por quem tanto aprecia a independência de atitudes.

Acresce a circunstância de que sendo o nosso jornal para todos nem todos podem interessar-se

## Carta de Longe

A Académica de Espinho está em festa! Nascida há dez anos — sonho que se fez realidade, esperança que se tornou certeza — ei-la cheia de energia, tanto mais velha quanto mais robusta, a comemorar, vibrantemente, seu primeiro decénio de existência.

Romeiro que mora longe, venho reunir-me, em coração e em espírito, à nóvel família da velha Colectividade e dizer-lhe, nas palavras simples dos que são sinceros, algo do meu orgulho pelo seu passado, muito da minha confiança no futuro.

Dez anos de vida! Dez anos de sacrifício e de glória, dez anos de luta sem tréguas, de desânimos, de malquerenças, de esforço e de suor, — mas dez anos de Dever cumprido, de União, de Presença, de Vontade! Dois lustros de vida! Tempo mais que suficiente para que se não duvide ainda, não digo já da Obra, porque, essa, pela sua magnitude, transcende o âmbito local, mas do próprio valor dos Novos — dessa pleiade de rapazes que a ela meteram ombros e a guindaram, ao alto, como um trofeu ganho na batalha! Obra admirável de perseverança e de fé, orgulho das terras de Espinho, mas nem sempre — como é doloroso confessá-lo! — auxiliada e acarinhada por todos aqueles a quem mais directamente interessa e nobilita! Obra admirável — repito — de revigoração da Raça, pelo Desporto, de Amor ao próximo, pela Caridade, e de formação do espírito, pela Cultura, — mas, também, quasi esquecida, ainda, pelas entidades máximas, quer desportivas, quer governativas!

Se é um facto que os bons filhos honram os seus pais, também é certo que as boas iniciativas enobrecem as terras a que estão ligadas. A Académica de Espinho é uma grande, generosa iniciativa — enaltecendo, ilustrando Espinho, honra, de algum modo, Portugal! Se pelo seu passado, vencendo, o ózinha, tem jús à admiração e ao respeito de muitos, é necessário que venha a contar, no futuro, com o auxílio, com o interesse de todos. Eis os meus votos mais sinceros.

Não sei — confesso a minha ignorância — a história da Colectividade, que, nesta data, festeja dez anos de existência.

Fructo talvez dum sonho, duma aventura, duma conversa à mesa do Café, o certo é que a semente criou raízes e as raízes esta árvore frondosa, pujante de seiva, à sombra da qual, unidos como os seus ramos, velhos e novos, pobres e ricos vivem no Ideal comum do seu triunfo e da sua força!

Por isso mesmo, a Associação Académica de Espinho é uma família, uma família-modélo, onde todos compartilham do infortúnio dum só, onde um só, por si, é o reflexo da vitalidade, da glória de todos! Eis o meu orgulho de lhe pertencer.

Dez anos de vida, mas dez anos sem lar próprio, sem o aconchego duma sala de leitura, sem uma sede, enfim, que fosse o

## Talvez seja verdade que...

Que os Juniores da Associação Académica de Espinho na ascendencia às categorias superiores deram boa conta de si no ultimo encontro de hoquei em patins efectuado no Palácio de Cristal, pelo que foram bem criticados (??!!) ...

Que a feira semanal que se realiza todas as segundas-feiras na Alameda D. Afonso Henriques, vai mudar de cenário...

Que a Direcção do S. C. de Espinho, demissionária, não apresenta lista nas eleições que se realizam brevemente...

Que a Associação A. E. vai ter um Regulamento interno...

Que o hoquei em campo está a debater-se com um grave problema — as arbitragens — ...

Que se deposita muita confiança nos juniores de basquetebol da A. A. E., visto ser "produto made in Académica"...

Que o João Gonçalves anda assustado...

Que o Grupo Columbófilo de Espinho vai levar a efeito no próximo ano a 1.ª Exposição Nortenha de Pombos Correios, e que a mesma se faz nos Salões da Biblioteca Municipal e Salas de Turismo da Câmara Municipal...

Didi

## Marés Vivas

Continuação na pág. 1

vemos intensamente o "momento", esquecendo, quasi sempre, algum tempo depois, os motivos de vibração tanto sob o aspecto emocional como, e é este o caso, sob o aspecto humano.

Na "ocasião" a sensação de tragédia, com todo o habitual estendal de lágrimas e dôr, açoita as virtudes da raça, que no instante se despirá da própria camisa para abrigar a nudez dos infelizes. Mas, se lhe são pedidas acções que visem à continuidade duma obra de solidariedade, sem que a cena trágica esteja presente, então começa de aparecer a indiferença, a desconfiança e a frieza pela desgraça que, embora exista, desapareceu do horizonte curto dos seus olhos.

Pela categoria das entidades que participam nessa cruzada a favor das famílias dos pobres pescadores, morto, nas trágicas circunstâncias já conhecidas, e pela comparticipação oficial do Governo da Nação, é de esperar que sejam evitadas quaisquer quebras na solução do problema, que transcende, pela sua infeliz grandiosidade, o auxílio normal em casos de desgraça colectiva. Apreciado o sentimento nacional através das notícias vindas a público, é também de esperar que seja adquirido não um salva-vidas, incapaz de prestar serviço em condições semelhantes, mas sim um pequeno navio salvadego próprio para acudir aos pescadores, em todas as circunstâncias, dando-lhes a sensação de segurança indispensável, medida que evitará certamente tragédias semelhantes. E, se a ideia da compra do navio salvadego aparece no "Boletim" da Associação Académica de Espinho pela primeira vez, muito teremos que ficar satisfeitos por contribuirmos com uma indicação que possa servir futuramente os obscuros heróis que são os Pescadores Portugueses.

Gino Sárpí

## Critica Social

### NOMES FEITOS

Continuação da pág. 1

cidade, que a Juventude perdeu a sua combatividade, se despersonalizou e se abandalhou.

Tudo isto é triste e significa uma traição (ou uma cobardia) às directrizes que a Vida Social nos impõe.

Necessitamos que os problemas que interessam à vida de Espinho sejam conhecidos em toda a sua projecção, dissecados e discutidos. Não devemos aceitar a resolução que alguém lhe imprimiu, baseando-nos que a sua conduta anterior dá às suas realizações as garantias do exito, o que nem sempre se verifica.

Todos podem errar, seja-se o mais honesto ou o mais inteligente. Apontar os erros com clareza, lealdade e polidamente não ofende; corrigir um erro, emenda-lo, dignifica qualquer homem.

Nas colunas deste jornal há sempre lugar para Novos e Velhos. Todos podem exprimir aqui o aplauso ou a crítica dos sistemas directivos usados na resolução dos problemas económico-sociais dos espinhenses. Não receamos nem tememos a Verdade.

Não vivemos do jornal, nem é a de jornalista a nossa profissão e, portanto, não nos interessa que um artigo em que brilhe a luz benéfica da Verdade nos faça perder vinte ou trinta assinantes. Temer isso era atraioçar a nossa missão.

E a nossa missão é esta, simplesmente:

Por Espinho e seu Progresso; pela Ass. Académica e seu Futuro.

Lêde, assinai e propagai

**BOLETIM**

## Carta de Longe

prolongamento, em fraterno convívio, da morada de cada um! Dis-se que Família sem casa, é família dispersa. Nem sempre! Neste caso, não foi assim. Eis o Milagre do Nosso amor à Colectividade!

Meus amigos: vai principiar um Novo Ano e, com ele, o segundo decénio da Associação Académica de Espinho! Querendo para vós — fundadores, obreiros desta Obra — as benções de Deus e o sufrágio dos homens, de algum modo, também, proclamamos a minha fé nos destinos do nosso Clube.

Dez anos de vida! Dez anos de sacrifício e de glória — mas dez anos de Presença, ao serviço do Desporto e da Cultura!

Feliz aniversário, meus amigos! Sim, porque a todos são devidos parabéns!

Em coração e em espírito, hei-de encontrar-me, também, perdido no arraial. E' a sorte do romeiro que mora longe da festa!...

Eugenio Paiva Freixo

## A voz dos Terriveis

Continuação da pág. 6

temperatura agradável auxilia a boa disposição para aceitar as "velharias" que têm sido fornecidas nas sessões da semana, o que já não é de todo mau.

Poderíamos dizer, por ser o "Boletim" o unico jornal local que apontou a necessidade de aquecimento, que a empresa foi compelida pelo artigo "frio condicionado" publicado no nosso número anterior. Mas, como não usamos esse processo, embora bastante em voga, compete-nos dar a Cesar o que é de Cesar.

Vamos pois, gostosamente informar os nossos leitores que a Empresa do "Teatro S. Pedro", já anteriormente ao artigo em questão, tinha tentado pôr em laboração as máquinas de condicionamento de ar, o que não foi possível por razões de ordem técnica.

Resta-nos esperar que de novo tenhamos que louvar a Empresa pela melhoria dos programas, que de maneira geral não têm agradado.

## Cumprimentos de

### Boas-Festas

Tiveram a gentileza de nos enviarem saudações, as seguintes entidades e amigos:

Federação Pdatuguesa de Patinagem, de Lisboa

Grupo Tauromáquico de Espinho

Gerência do Palácio Hotel, de Espinho

"Sticks Jocoli", de Oliveira de Azemeis

A Direcção do Hockey Club de Sintra, Sintra

Eugenio Paiva Freixo, de Crestuma, Saul Godinho e Marçal de Oliveira Duarte, de Espinho.

A todos a nossa gratidão, retribuindo-lhes sinceramente os votos endereçados.

## AR LIVRE

## Recordando...

Festeja a Associação Académica o seu X Aniversário. Recordam-se iniciativas, nomes, dedicações. História-se a vida do Clube, através da actividade brilhante ou apagada das suas secções, reconhecendo-se em todas a mesma vontade de bem servir a Académica.

Pertence o Campismo àquelas modalidades desportivas que não dão nas vistas do grande público e no entanto melhor servem a causa do Desporto, talvez pela ausência de fins comerciais e das reacções quasi sempre injustas da multidão.

A prática do campismo já conhecida de Mário Neves e António Gaio, foi iniciada na A. A. E. em Março de 1943 por aqueles associados, que ficaram desde então a dirigir a secção mais jovem do clube.

Pelas suas características e como novidade adentro da vida desportiva da juventude espinhense, o desporto do ar livre depressa granjeou adeptos que o têm mantido com entusiasmo durante estes cinco anos.

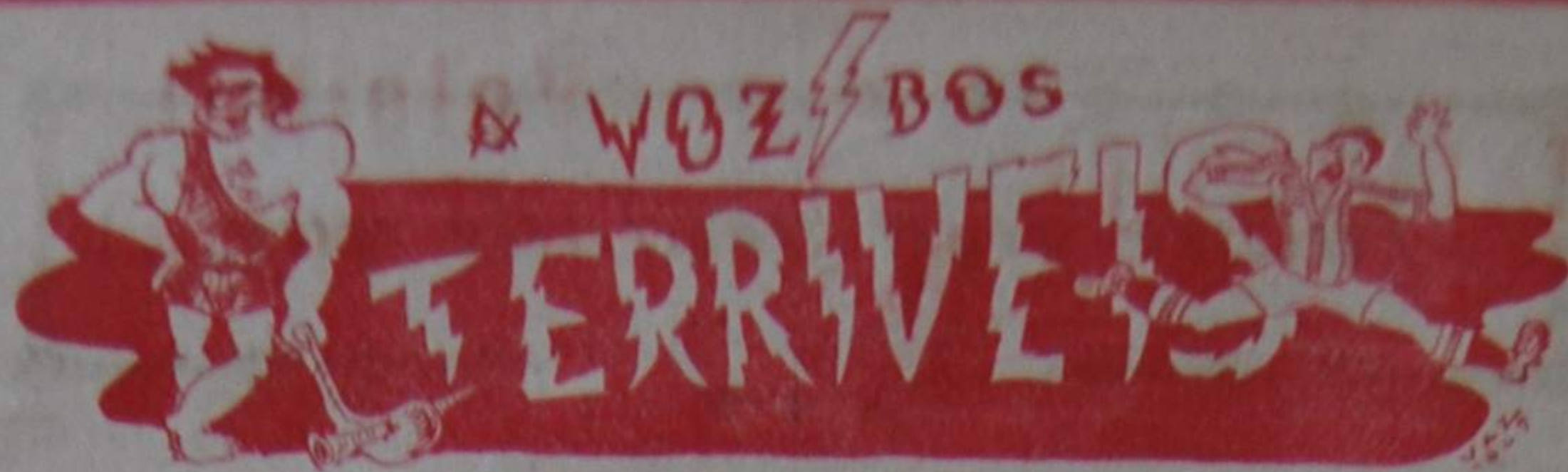
Conta a secção com numerosos acampamentos mas há que destacar a "colónia de férias" (acampamento de oito dias) que se tem levado a efeito todos os anos.

A região do Vouga, rica de paisagem e de recantos excelentes para acampar, tem sido a preferida para as nossas digressões. Em Pessegueiro do Vouga, Caima, Macieira de Cambra, Ul, Golfar, Vila da Feira, Ovar e Grijó — temos encontrado locais magníficos que já mais esquecerão na recordação duma vida plena de momentos de alegria e aventura.

São numerosos os componentes das diversas equipas que todos os anos marcham para o campo, ávidos de ar puro e de horizontes, mas é justo salientar antes dos demais o entusiasmo e a boa disposição de Mário Neves, a camaradagem de António Bandeira, a dedicação e amizade de Henrique Eça e a boa vontade de José Almeida. Seguem-se os nomes daqueles que já foram atraídos pela força do Campismo e colaboraram em alguns dos acampamentos efectuados desde o ano de 1943. — Alberto Barbosa, Francisco Caldeira, Victor Hugo Martins, Manoel José Vaz, Abel Santiago, António Santos, Aníbal Lacerda, Alexandre Castro Lima, Américo Coelho, António Sebastião, Vitorino Bandeira, Mário Trindade, Mário Valente e Raul Oliveira.

Cerca de duas dezenas de rapazes espalharam, durante estes cinco anos, o nome de Espinho e da Académica por terras onde acamparam.

Neste X Aniversário da Académica e quinto da secção, façamos votos para que continuem nessas jornadas de propagação duma vida alegre e sã, onde só têm lugar os homens de boa vontade.



## ESPINHO

## necessita dum bom jornal

Não ignoro a existência da Defesa de Espinho nem desconheço o Boletim. Escrevi várias vezes na primeira, conheço mais ou menos a sua orgânica. Afirmando mesmo que a Defesa tem sido o único marco jornalístico de Espinho e que, dentro da orientação que a anima, tem cumprido o seu mister. Mas a sua reduzida colaboração, a directriz rígida que lhe impôs o seu Director, os moldes antigos em que se firma e certos defeitos que saltam à vista fazem da Defesa um semanário que não satisfaz a sua espinhosa missão. Defesa de Espinho sofre da doença da velhice. Ou se remoça, refundindo-se... ou morrerá de sanidade. O aspecto da Defesa de hoje é c de há dez anos; em tal época seria um jornal actualizado, hoje é um jornal atrasado, deslocado no tempo.

Espinho precisa dum semanário em moldes novos. O Boletim não pode ainda preencher essa lacuna pela sua natureza mensal. Mas os novos que aqui escrevem trazem em si a seiva capaz de criar um jornal digno de tal nome.

Um jornal que represente e defenda os interesses de Espinho e orgulhe Espinho.

Dum modo geral o grau cultural desta vila aumentou. Possuímos uma população escolar numerosa e uma "elite" cultural que não se pode desprezar. O povo de Espinho não se satisfaz hoje com um jornal que se limita apenas a um artigo de fundo e notícias de ordem local. O que é necessário é um jornal que ventile problemas, os discuta, que aponte caminhos, que represente enfim uma Opinião, que ataque ou defenda, que dê finalmente Razão de ser à sua existência.

Cabe aos novos dar a Espinho um Jornal. Espinho exige-O e necessita-O. Que surja esse emulo dirigido por um homem que pense, não animado de vantagens económicas, que dê a vida pelo jornal (e não faça do jornal modo de vida) que Nós, os Novos, lhe prometemos a colaboração desinteressada, em prol de Espinho, da Cultura e do Pensamento

## Um apêlo à Boa Vontade...

Por volta do meio-dia e até cerca das 13 horas, comem as suas minguidas refeições os trabalhadores de várias indústrias locais. Até aqui nada de especial. Mas verificada a localização das diversas "casas de jantar", então o caso começa a merecer reparos.

Assim, aqueles que lutam pela vida em profissões humildes, que são obrigados por falta de abrigo, a tomar refeições ao ar livre, o que se é comodo, higiénico e salutar no verão ou estações amenas, enferma de

salubridade e comodidade durante o inverno. E se nem todos os industriais podem oferecer uma cantina aos seus operários, podem pelo menos e com boa vontade, arranjar-lhes abrigo onde se acolham, durante o curto espaço de tempo em que tomam os seus parcos alimentos.

É confrangedor para os mais duros corações ver, transidos de algidez, os operários mordendo o seu naco de boroa, encostados como pedintes, aos umbrais dos prédios. Fustigados pela chuva inclemente que já trespassou até aos ossos, os ligeiros trapos das mulheres ou filhos que lhes trouxeram o almoço, ve-mo-los tiritando, dando-nos a triste impressão de uma leva de miseráveis esperando o transporte para o presidio.

Em suma, além do próprio mal, ainda o aspecto da vila é bastante prejudicado, o que não deve permitir-se, sem que tudo se tente para evita-lo, visto que Espinho deve primar pelo aceio em toda a acepção da palavra.

Os automoveis de alu-  
guer da praça de Espinho

Depois das últimas disposições do sr. Ministro da Economia, o preço por aluguer ou corrida dos automóveis de praça, baixou sensivelmente. Nas cidades, onde o repressão é mais cuidada, e onde o público não põe dúvidas em pedir o auxilio da policia para se eximir a abusos especulativos, ainda a baixa serviu para os fins dos despachos publicados. Mas na provincia a especulação continua a grassar, não só pela falta de fiscalização eficiente, como também pelo diminuto número de carros, cujos motoristas se dão ao luxo de aplicar sanções negando-se a fazer os transportes, alegando serviços imaginários, quando o cliente não se presta a ser explorado. Temos o maior respeito pelas necessidades dos motoristas que vivem unicamente daquela profissão, mas não podemos deixar de chamar a atenção de quem de direito para os abusos inqualificáveis que se praticam em Espinho a pretexto de dificuldades que existiram mas que, felizmente, já foram extintas.

## A temperatura no

## "Teatro S. Pedro"

Finalmente, começou a trabalhar a maquinaria da excelente instalação de condicionamento de ar montada no Teatro S. Pedro. A sua vantagem para o público não precisa ser encarecida, visto que, presentemente, o salão se povoa bastante tempo antes de iniciar-se a sessão o que é bastante significativo. Além disso a

Continua na pág. 5



## Valor artístico e valor

## comercial dos filmes

Um filme ótimo seria aquele que reuniria um ótimo valor artístico a um ótimo valor comercial. Este máximo de qualidades é praticamente inatingível, e por outro lado, quanto mais baixa o valor artístico mais sobe o valor comercial, e vice versa.

Perante um tal estado de coisas deve preferir-se um filme de elevado valor comercial ou um filme de elevado valor artístico? Deve-se a bem do Bom Cinema, preferir este último.

Regra geral, um filme artisticamente bom, é um mau filme comercial — o grande público não se prende com ele, nem esgota as lotações das casas em que esteja em exibição. Referimo-nos, é claro, a um filme artisticamente elevado. Queremos com isto afirmar que o público tenha mau gosto? Claro que não! O que temos em mente é, simplesmente, o seguinte: os filmes de índole popular, aqueles que conseguem conservar-se em cena semanas e semanas consecutivas, assentam num tema pouco profundo, acessível ao baixo nível cultural da maioria dos espectadores, tema este débilmente tratado e sem grandes rasgos de realização, porque a isso se não presta. O argumento é ingénio e, regra geral, o mau é castigado e o bom triunfa.

E' claro que na Vida, geralmente, tal facto não acontece e esse argumento não pode, pois, ser considerado educativo. Para interpretar filmes deste género escolhem-se actores bastante populares, a maioria das vezes aptos a cantar umas músicas que depois soarão na voz do povo. E' um filme ótimo como rendimento para o produtor e para o exibidor. E' um filme 100% comercial. O seu valor artístico é nulo, ou quasi.

O reverso da medalha é o chamado filme artístico. Procura-se um tema profundo, educativo, científico ou psicológico, realiza-se de maneira artisticamente cuidada e depois exhibe-se essa obra prima. Resultado imediato: não vai lá quasi ninguém, e quem lá vai não gosta, salvo raras excepções. Quere dizer: um filme de grande valor artístico e sem valor comercial.

Que o Cinema tem uma grande tarefa educadora a desempenhar, que os filmes mais aptos a desempenha-la, são os de elevado nível artístico, é evidente. Mas se essas películas dão prejuizo aos produtores estes receiam, e com razão, lançar ombros a tão pesada e ingrata tarefa. Por outro lado eles tem a consciencia plena do fim para que trabalham. Dedicaram-se, portanto, esses produtores conscienciosos a fabricar fitas de elevado valor artístico mas que tenham também alguma coisa que prenda o público.

E assim nasceram os filmes artistico-comerciais, em que o tema profundo (como nos filmes pura-

Continua na pág. 10

# PELO DESPORTO

## ENTRADA EM CAMPO

### O Primeiro Decénio da Académica

São já dez anos de intensa e gloriosa vida desportiva a galardoar uma colectividade já emancipada na luta pela existência. Ainda o vértice da curva não tinha sido atingido e já o espírito desportivo e clubista nos diziam estar ali qualquer coisa. Qualquer coisa que foi a concepção imediata duma vontade firme em conjugar esforços e que o tempo consolidaria.

Quantos profetizaram o contrário...

Pois se da Sede ao Campo de Jogos faltava quasi tudo.

Quasi tudo seria o carácter tão próprio desta Académica que não tem Campo de Jogos, que não tem Sede, e movimenta algumas secções que fazem um prestígio desportivo.

O Hoquei em Patins, que tantas alegrias nos tem dado em competição com os de primeiro plano.

O Hoquei em Campo, que melhor identifica a colectividade, só o desejo de fazer desporto pode justificar a vida desta modalidade. Vão fazer fóra o jôgo de sua casa sabendo que não alteram uma má posição.

O Voleibol que não vive só da tradição — já temos tradições — vive também do seu apreciável valor.

O Basquetebol também já não é promessa. E' realidade.

O Atletismo que se fez quando houve pistas.

O Ténis de Mesa que se faz de vez em quando para sabermos da existência dalguns valores que bem nos podiam sustentar outra tradição.

Doutras modalidades, que já não estão em actividade, ao Ténis, que agora surgiu com praticantes valorosos e entusiastas, a Académica correu a sua Maratona.

Dez Anos que o Facho da Vitória ilumina de trofeus e de puro DESPORTO.

E. S. B.

## Hoquei em Patins

### Campeonato de Juniores

Ac iniciar-se este torneio depositavam os dirigentes do nosso clube grandes esperanças no comportamento do grupo A, enquanto que a constituição do B era demasiado fraca para podermos confiar numa boa classificação. O decorrer do campeonato veio mostrar-nos que com uma preparação cuidada teríamos correspondido melhor e que o título talvez não nos assentasse mal de todo. Esperemos confiados o próximo torneio e até lá analisemos a acção individual dos "miudos" no torneio findo.

Higino Mendes, capitão do grupo mais fraco, destacou-se como o melhor elemento do seu cinco. Poderá ser o defesa do nosso primeiro grupo dentro de três épocas se se dedicar como até aqui à modalidade.

António Gato, apesar de ter sofrido um elevado número de bolas, mostrou-se sereno nos momentos mais decisivos e terá um largo futuro no hoquei de quatro rodas se fôr devidamente orientado.

Lopes, Simplício e Tarrafa completaram o cinco, como 6.º jogador, não tendo nenhum deles feito qualquer exibição donde pudéssemos aquilatar das suas verdadeiras possibilidades.

Clareano e Oliveira terminaram o torneio no momento em que as suas qualidades começavam a tornar-se notadas. O último far-se-á um bellissimo jogador no dia em que se convencer de que no oquei

não há lugar para receios meninos...

No cinco A o peso das responsabilidades influiu grandemente no espírito dos rapazes que acabaram por descrever de si próprios. Mário Gaioso, capitão do grupo, chegou mesmo a comprometer o seu cinco com o receio de rematar à balisa. Devemos, no entanto, acrescentar que se trata dum elemento muito valioso com possibilidades de vir a ser Alguém na modalidade.

Nascimento, defensor das nossas redes, é um jogador que nunca terá grandes pretensões. E' um pretendente a desportista eclético e, enquanto não se convencer de que tal lhe é impossível, será apenas um jogador medíocre, seja qual fôr o desporto. Lamentamos que assim seja, porque era um elemento a aproveitar.

M. Silva e Carvalhas alternaram as boas e más exibições estando colocados no plano de Nascimento.

O endiabrado Barros — o pequeno no corpo mas grande no querer — é o prototipo do jogador voluntarioso que luta sem desfalecimentos. Teve no decorrer da competição desafios em que conseguiu provar que os homens não se medem aos palmos!...

Rodrigo Pinto foi o baluarte da equipa espinhense e é de facto o melhor junior de 1947. Tipo de jogador completo, é também dedicadissimo ao clube que vê nele uma das suas maiores esperanças.

Para terminar, resta-nos apontar a correcção verdadeiramente exemplar de todos os juniores. Prossigui na senda do são desportivismo e a melhor vitória será a vossa!

Virginio

## Voleibol

### Torneio de Encerramento

Académica e Sporting disputaram a final deste torneio, no campo do Orfeão da Madalena, em virtude de não haver um campo neutro em Espinho. Perante assistência numerosa os dois grupos de Espinho travaram animada luta que terminou pela vitória certa do Sporting, mercê do seu melhor conjunto onde sobressaíram os irmãos Brandão e o pequeno mas valoroso Mário Valente.

Saliente-se o comportamento da equipe da Académica que fez uma partida brilhante especialmente à defesa, fazendo esquecer o destreino a que tinha estado sujeita desde o campeonato regional. Dos seus jogadores todos agradaram, pelo entusiasmo posto na luta.

Em resumo, um excelente jogo cheio de jogadas emocionantes e perfeitas, proporcionando à Académica um brilhante fecho de época. Sob a arbitragem do sr. António Nascimento os grupos alinharam:

Sporting: Waldemar Brandão, Walter Brandão, Jorge Moreira, Joaquim de Sousa, Umberto Ruano, Teófilo de Sousa e Mário Valente.

Académica: Miguel Rocha, Narciso Oliveira, Fernando Caldeira, José Lago, Fernando Neto e João Simões.

Resultado técnico:

Sporting - 2 — Académica - 1

### Campeonato Nacional

Disputou-se este ano pela primeira vez o campeonato nacional que terminou com a vitória do Técnico, classificando-se a seguir o Benfica, Leixões e Sporting de Espinho.

O título de campeão ajusta-se perfeitamente à equipe escolar, que vem mantendo há alguns anos a supremacia do voleibol lisboeta e nacional, pois se não havia campeonato, as suas vitórias nos torneios universitários e em jogos particulares, afirmaram a sua superioridade. Tivemos ensejo de assistir ao seu jogo com o Sporting, no campo da Avenida, e pelo que vimos, a equipe está longe de atingir o valor que possuía há anos atrás, justificando-se assim algumas derrotas que o grupo, outrora invencível, tem sofrido. As ausências de Frade e Arruda fazem-se sentir, embora lá esteja Nuno Barros, magnífico rematador e hoje o principal obreiro das vitórias do Técnico. No entanto não se julgue que o reinado da equipe lisboeta acabou, pois se não é a mesma doutro tempo, mostrou valor suficiente para a posse do título máximo.

Classificou-se em último lugar o Sporting de Espinho, que foi de certo modo infeliz na prova, pois jogou mal contra o Benfica e quando estava prestes a obter um resultado sensacional com o Técnico, afundou-se nos últimos momentos, por falta de calma, perdendo uma partida que lhe

## MEDITE-SE POIS...

A Lei reconhec a "atenuante", o "Patológico Mental", mas ignora o "Indivíduo na projecção Social". A pena deve ser proporcional à Responsabilidade Social. Qual é mais responsável: o professor ou o aluno? o sábio ou o cretino?

Qual é o mais consciente dos seus erros ou crimes?

Então, porque é a Lei igual para todos?

O homem que aceita um cargo, adquire direitos e responsabilidades. Deve aceitá-lo na convenção de que saberá cumprir a sua missão. A Sociedade atribui-lho na convenção de tal. O dever cumprido não merece galardão porque está integrado no conceito da responsabilidade. Que se castigue, quem o não cumpre, está certo; que se premeie quem o cumpre é como aceitar como excepção o que devia ser regra geral.

Para sermos juizes do comportamento de outrem temos de ser coerentes. Tão ladrão é o salteador de estradas como o negociante do mercado negro. Tão desonesta é a mulher que se vende como a adúltera.

E creiam que sou generoso com os últimos.

Despresamos uns. Porque não os outros?

Os críticos de café vivem ignorados. Possuem planos grandiosos para o ressurgimento de Espinho, que só 3 ou 4 pessoas conhecem. O caso é de lamentar. Porque se o apresentassem ao exame crítico do público, talvez Espinho lucrasse.

Assim... recordam-me o Acácio Banana...

Jocoral

devia pertencer pelo muito que jogaram. Os resultados que fez em Lisboa, duas derrotas, justificam-se pela influência do meio ambiente, recinto fechado, muito diferente do campo ao ar livre onde costumam jogar.

## HOMENS E FACTOS

### Mesa da S.ta Casa da Misericórdia

Para completar o quadro de administração da S.ta Casa da Misericórdia de Espinho, foram investidos em cargos directivos os srs. José Francisco da Silva Jor e "Maestro" Fausto Neves, que àquela instituição têm prestado relevantes serviços não só expontaneamente nesta época, como em gerências anteriores a que pertenceram.

### Grupo Onomástico "OS JOSÉS"

A delegação espinhense deste benemérito e útil grupo onomástico, a que preside o sr. dr. José Milheiro Fernandes, conseguiu da Direcção do grupo em Lisboa uma avultada quantia destinada a socorrer as famílias espinhenses atingidas pela tragédia marítima de 2 do corrente. Atitude nobilitante por força dos sentimentos dos seus dirigentes, o Grupo Onomástico "Os Josés", prova a utilidade da sua existência, o que tornamos público com a maior satisfação.

### Columbófila Nortenha

Como prova evidente de inequívoco valor dos columbófilos de Espinho no meio nortenho e, quiçá, nacional, foi nomeado para o Conselho Fiscal da Ass. Columbófila do Porto, o sr. João Marques Carvalhas, prestigioso associado do Grupo Columbófilo de Espinho.

### Honrosa Distinção Profissional

Evidenciando a sua probidade e zelo profissional, acaba de ser distinguido com um Diploma de Honra, da Academia Norte Americana "Gentleman" de New-York, o nosso amigo sr. Almir de Castro Lacerda, que, sendo já um valor na sua profissão, passa agora a merecer o título de "Mestre". Está pois consagrado o real valor de um profissional que honra a sua classe. Com amizade o felicitamos, felicitações que são plenamente justificadas dos seus colegas do despo to.

Raio X

## CINEMA

Continuação da pág. 6

mente artísticos) é tratado de maneira acessível, ligando-se a isso a popularidade dos grandes astros que vão servir em muitos casos, de chamariz ao público. Assim vão os produtores tentando iniciar o papel educador do Cinema e assegurando o seu triunfo próprio, ao mesmo tempo que preparam o público para o "curso superior" que são os filmes artísticos.

A outra parte da tarefa cabe aos exibidores que nem sempre compreendem a sua missão, conservando e repetindo indefinidamente nos seus "écrans", os filmes infantilmente comerciais, provendo o seu lucro monetário mas arrastando o público para as trevas da ignorância.

Porque a Arte tem um papel

# EDITA L

## RECENSEAMENTO ELEITORAL

Jerónimo Alves Moreira, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Espinho

Faz saber, nos termos e para efeito do art. 10.º da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores do PRESIDENTE DA REPUBLICA e da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1948, terão início em 2 de Janeiro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

### Ao abrigo do disposto nos Art. 1.º e 2.º da citada Lei:

#### São eleitores e, como tal, recenseáveis:

1.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português;

2.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre a aplicação de capitais;

3.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

a) — curso geral dos liceus;

b) — curso do magistério primário;

c) — curso das escolas de belas artes;

d) — curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;

e) — curso dos institutos comerciais e industriais.

4.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º ou 2.º.

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.

5.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino que sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem de contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

#### A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) — Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;

b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d) — Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas

educador e o Cinema é Arte.

E o Cinema — Arte — é inimigo do dinheiro — a matéria — embora não possa viver sem ele, como todas as coisas, aliás...

Z.

repartições ou serviços a que se refere o art.º 13.º da citada Lei.

#### A prova do pagamento referido nos 2.º, 4.º e 5.º faz-se:

a) — Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;

b) — Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.

Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto que entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

#### A prova das habilitações referidas no n.º 3 faz-se:

Pela exibição do diploma do curso, da certidão ou a pública forma respectiva, perante a comissão a que se refere a alínea a) ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no art. 13.º, da citada Lei.

#### Não podem ser eleitores:

1.º Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º — Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;

3.º — Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º — Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º — Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º — Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de cinco anos;

7.º — Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como Estado independente e à disciplina social;

8.º — Os que notoriamente careçam da idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto, poderão requerer a sua inscrição no Recenseamento, ao Presidente da Comissão Recensadora, por intermédio das Comissões de freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, profissão, habilitações literárias, e morada.

Para constar, se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicados em jornais deste Concelho.

Paços do Concelho, 27 de Dezembro de 1947

Jerónimo Alves Moreira

## Sob o patrocínio da Comissão Municipal de Assistência e por iniciativa das Corporações de Bombeiros Voluntários

para percorrer a Vila um bando precatório para recolha de donativos destinados às famílias atingidas pela Tragédia Marítima de 2 de Dezembro.

Os Bombeiros Voluntários de Espinho e Espinhenses, corporações de inestimável valia social e humana, acabam de, uma vez mais, tomar a seu cargo uma iniciativa de grande valor altruista — recolha de donativos para as famílias atingidas pela tragédia marítima ocorrida em 2 do mês corrente.

Sob o patrocínio da Comissão Municipal de Assistência e com a participação de todas as colectividades locais, entre as quais a Ass. Académica de Espinho, os seus elementos representativos percorrerão no dia 5 de Janeiro, a vila na recolha de donativos, sob o aspecto de bando precatório. Da necessidade de serem bem acolhido, por todos, o bando precatório a favor dos infelizes lares atingidos, não será preciso falar. De resto, Espinho também foi atingido, pelo que tendo em vista a expontaneidade de outras localidades em prestar o seu auxílio sem que directamente tenham sido atingidas nos obriga moralmente a dar tanto e o mais que pudermos.

Louvem-se os dirigentes das Associações de Bombeiros locais pela iniciativa e esperemos que o Povo de Espinho saiba corresponder.

## Determinações da Direcção da Ass. Académica de Espinho

Nas suas últimas sessões do mês corrente, resolveu a Direcção da Associação Académica:

Propor à Ass. Geral um voto de louvor colectivo aos srs. António Frederico Alcoforado, José de Oliveira Soares, Alberto Lidio Vita de Oliveira, António Ferreira Gaio e Higinio Augusto de Assumpção Pires por empréstimos concedidos ao clube. Louvar o membro do Conselho Fiscal sr. Milton da Cunha Pinho pelo auxílio prestado à Direcção. Propor um voto de agradecimento à Federação Portuguesa de Patinagem pelo subsídio de 20.000 escudos, atribuído para desenvolvimento da secção de hóquei em patins, bem como igual voto à Ass. H. Bombeiros Voluntários Espinhenses pela cedência do seu Salão de Festas. Exarar um voto de saudação a todas as entidades desportivas e a todos os clubes nomeadamente o clube local Sporting Clube de Espinho. Exarar um voto de louvor e apreço à imprensa diária do Porto pelo serviço prestado ao Desporto, com referência especial para "O Comércio do Porto" pelo carinho que tem dedicado às modalidades menos populares.

Um voto de louvor ao Sr. Hilário Fernando, pela vontade demonstrada em prestigiar a secção de Oquei em Patins.





Direção de: Florentino Goulart Nogueira

## EM LOUVOR DO INVERNO

por Dante Albuquerque

Vem a Primavera com suas flores policromas, com suas cantigas juvenis. Chega o Verão com seu esplendor régio e quente, com seu gritante sol poderoso, com suas joias faiscantes. Apresenta-se o Outono com seus frutos e mornosidade, com suas fôlhas avermelhadas, com sua calidez moribunda.

Eu gosto mais do Inverno.

A Primavera rasga-se em bocas festivas de claridade, triunfando no azul do céu, assobiando na côr das flôres. A Primavera é estouvada como um gaiato.

O Verão desnuda tôdas as coisas, gargalha, impúdico, em todos os sítios, e tortura-nos com sua impertinência. E' que o Verão representa um moço imoral e diabólico.

O Outono é pálido como um jovem tísico romântico, é doentio de corpo e de alma, atrai e domina como um pecado gostoso ou como um livro mau de Dostoiévsky, fala do amarelo, do vermelho, de coisas perversas ou de humanidades falsas. O Outono é venenoso.

Por isso eu gosto mais do Inverno.

Gosto do Inverno, porque lhe encontro o recolhimento, a profundidade, a alma. Quem não amar a chuva tombar, em choro, na estrada, ou gritar, enlouquecida, na vidraça? Quem não sentirá as raízes mais íntimas do seu ser despertadas pelo vento que geme nas frinças das portas, que soluça nos pinheirais, que põe a sua voz antiquíssima e trágica nos ouvidos da terra e no âmago das almas? Quem se não topará mais sózinho entre o nevoeiro, sózinho para mergulhar nos abismos de si próprio onde o homem guarda a essência igual em todos os homens, sózinho para unir-se a todos e compreender melhor a vibração do mundo e o pulsar da Natureza? Quem não verá na paisagem invernal, nas árvores de pídas, de troncos torcidos e suplicantes, no solo mais pobre de vozes exterior e mais rico de interioridade, quem não verá aí o drama e a grandeza que a Humanidade alimenta? Quem não escutará a mensagem ancestral e o apêgo à Nação e a solidariedade dos Tempos, quando se agacha à lajeira por um Dezembro frígido, quando desposa os olhos encantados com a chama bailadora e quando os silêncios têm o valor de profecias?

Eu gosto do Inverno, O Natal virá sagra-lo Imperador. Ele

ajoelhará com seu manto de neve fingindo arminho, para receber na frente a corôa de luzes e bênçãos e ternuras que o Natal lhe prantará solenemente! Todos hão-de preparar a coroação do Inverno, o nascimento de um Deus. A' noite, haverá, nas mesas, bolos com velas, e nozes, pinhões, vinhos finos... ou haverá bacalhau com batatas e couves, haverá rabanadas, ou haverá pobreza (Senhor! Oh! que triste!)... e também corações muito alegres, corações muito enlutados, corações muito saudosos... Apetece chorar brandamente ou sonhar levemente... Apetece tocar cristais em cristais: e o som deles gargalha, infantil, ou doi nos peitos maguados. E velhinhos sorrirão tão lindamente que os peitos se hão-de encher até mais não, e velhinhos recordarão coisas antigas como avôzinhas enrugadas. Depois, a voz do sino rezeará nas trevas da noite a sua festiva oração chamadora. Para o templo, caminharão aldeãs embiocadas na capucha, moçoilas no chaile quente aconchegadas, rapagões morenos de varapau na mão, petizes faladores e vivazes. Lanternas alumiarão os de longe. E há-de desfilar, por evocação da nossa mente, desfilar a gatinha de outrora: o romano e o visigodo, o homem medieval de grande capuz ou a dama de chapéu afunilado, a senhora da Renascença vestida de brocado e de rede nos cabelos, o homem do séc. XVII com altas botas e golas compridas e bordadas, os nobres do grande século, de meia de seda e rabicho empoado, as túnicas bordadas contemporâneas de Napoleão, as mulheres das lutas fratricidas, de touca ou deromeira.

Entraremos todos na igreja iluminada por velas, simbolizando as almas crentes. Erguer-se-ão cânticos anunciando que nasceu um Salvador!, um salvador nasceu!; hinos levantados ao empíreo em louvor: "Glória a Deus nas alturas!", e baixando, depois, como em chuva de graça, sôbre a terra endoidada e escaldante das guerras: "Paz aos homens de boa vontade!".

As luzes apoteóticas do templo alastrarão pelas paredes, irão acender-se na planície, galgar as montanhas, irizar as casas, ser joalharia sôbre a neve e, numa orquestração mágica, intemporal, deslumbrante, tocar a sinfonia profundíssima do Inverno!

## HUMANIDADE

Conto de Telma de Liscano

Meia-noite. Sou má ou boa? Anda um socego tamanho no mundo! O mundo é espesso e leve como coluna de fumo... Tudo calado e sério, tudo solene e mudo! Morreu alguém? Apetece-me chorar... Sou má ou boa? Em volta, diluíram-se as formas. Sonham... Descansam... Estou mais calma. As coisas, os seres parecem um anjinho a dormir... Enterneço-me... Amo todos, amo tudo. Sou boa, sou boa... Sou boa, ó meia noite! Vejo-me simples, compreensiva, infantil.

Meio-dia. Sou boa ou má? Tu ris-te, demónio? Ris-te sol doirado e abrazador? Ris-te? Pupila brilhante, cruel, hipnotizadora! Pupila zombeteira, ris-te? O' belo sedutor, imoral, cínico! O' meu amante pervertedor! Eu rio-me, também, às gargalhadas! Odeio as casas, os animais, as flores, o colorido, as cantigas, o mundo inteiro! Odeio e hei-de envenenar essa alegria! Sou má e assim me quero, ó meio-dia!

Meia noite. Coitada da Fernanda! A mãe tão pobre, cheia de filhos, obrigada a dar-lhe uma infância e uma adolescência trabalhosas, adultas, sombrias... Agora, já mu'her, foi servir, estava noiva... — e uma descalfificação! Não tem nada, nada! Pobres como Job, miseráveis como as ervas secas duma estrada. Era bonita, a Fernanda! Coitada, hei-de a ajudar! Vou-a sustentando, enquanto ela estiver doente... Vou para lá fazer-lhe companhia, uns bocadoitos... Depois, quando ela sarar, dou-lhe alguma coisa para o enxoval. Merece um pouco de felicidade. Já bem infeliz tem sido!

Meio-dia. Lá anda o Menezes, a rondá-la! Aquela parva da Anita! Parva! Imbecil! E' bela... Sim! E graciosa e instruída e rica... E conquistadora! Todos gostam dela, todos a querem, logo que a vêem! Então Deus concede tudo a umas e tão pouco a outras? Tão pouco... Pois quem me procura? Quem me deseja? Quem me vem amar? Anita a bela! Mas um dia hei-de ser rica, rica, imensamente rica. Um dia serei bela, os meus olhos serão maiores, meus lábios mais perfeitos, meu seio mais alto, minha pele mais fina e branca, meu perfil mais puro... E dominarei os homens. Ela casará com um estafermo que a iludirá, ficará infeliz, maltratada, êle arruiná-la-á, e ela, envelhecida, feia, pobre, virá para minha criada e eu, então (meio-dia?

meia-noite?), serei indulgente para ela, dar-lhe-ei vestidos, joias até (meio-dia? meia-noite?), pouco trabalho... tratá-la-ei sem altivez, quasi a fazer-lhe esquecer a sua condição (meia-noite? meio-dia?)...

Meia-noite e os morcegos batem as asas nas paredes velhas dêste solar decaído. Meia-noite e os ratos perturbam, irónicamente, a pacificação do silêncio. Meia-noite e as estrelas são trémulas e longínquas. Meia-noite e às chamas do fogão respondem lá fora os uivos do vento e a mão afogada do gelo. Meia-noite e o bem sobressalta-se, porque não sabe se vê no espelho a sua imagem ou se traz uma formosa máscara e não é o bem. Meia-noite... nem ontem, nem amanhã...

\* \* \*

Tens fome? Eu vou buscar-te de comer. Como te chamas? Rosalina... — bonito nome! Gosto de ti, Rosalina: dá-me um beijo. Porque choras? Ah... — Pronto! Vamos brincar! Achas linda a minha boneca... Achas linda... Não tens nenhuma? Fica com esta! Fica! Dou-ta!

Deixa-me ver melhor o teu soldado de porcelana. Dormes com êle Zitinha? Adóra-lo... Pela grande coisa afinal... êle é feio, é E' feio, feio, feio! Não sou invejosa, não. Tenho brinquedos bem mais bonitos! Bem mais! Ah! Foi sem querer. Partiu-se.

Não posso, Mãe. Doi-me a cabeça, parece que arrebenta! (Vá ela fazer as compras!). A Mãe está com muito reumatismo, mas olhe que as minhas dores de cabeça ultrapassam-no! (Se me não doi, podia doer!). Encoste-se a uma bengala...

Querida Mãe! Foi ás compras para me poupar! Ainda me deu "Veramon" antes de ir... Querida!

Já de volta, Mãezinha?! Dê cá a saca! Já estou boa. Vou-lhe dar uma fricção nas pernas, por causa do reumatismo. Eu deito-a na cama. Assim. Quer outra almofada? Vá! Sente-se melhor? (Está tão encantada, tão reconhecida, que me vai comprar o vestido novo que lhe pedi! Redobrarei de cuidados...).

O meu pai está moribundo. Delira... O meu pai delira! Ele morre, meu Deus! Ele está, mas

Continua na pág 10

# HUMANIDADE

Continuação da pág. 9

é a fingir. Sempre foi mentiroso este Pai. Olha: aquele revolver de olhos, nada!, não é natural! Finge!

Meu Pai agoniza... Minha Mãe ampara-lhe a frente... Todos choram e as minhas lágrimas também correm, em rios! no meu rosto, e os soluços erguem-se e caem também na minha garganta! Adeus, Pai! Não te verei, jámais, não terei as tuas mãos nos meus ombros, não encostarei a cabeça no teu peito... Pai tão amado! Pai! Serei menos invejada... Menos honrada: pois que morreu o sr. Dr., o médico... e perdemos o ordenado que nos trazias... Oh! quanto sou infeliz!

Meia noite. Vou dar cinco escudos àquela pobre!

Meio-dia. Quando ela mos agradecer, peço-lhe vinte e cinco tostões de troco.

Meia-noite. Eu? Dar-lhe-ei tudo e beijar-lhe-ei a mão.

Meio-dia. E o povo há-de observar e elogiar-me.

Meio-dia. Mas que um só veja e vá proclamar a tua modéstia.

Meia-noite. Não! Que ninguém, ninguém me veja!

Meio-dia. Que heroicidade! E's um santo!

Meia-noite. Sou uma encru-zilhada,

Meio-dia. Se morresse o filho do tio Anselmo, eu ficaria rica!

Meia-noite. José Manuel quer possuir-me e não me entregarei!

Meio-dia. Hei-de o apanhar na rede do casamento!

Meia-noite. Serei pura.

Meio-dia. Menos em pensamentos.

Meia-noite. Confessarei as minhas culpas!

Meio-dia. Sou humilde e melhor do que as outras.

Meio-dia. Meia noite.

O sol vai cair entre as montanhas. José Manuel que desejas? O meio-dia nem é manhã nem é tarde: é o sol. A meia-noite nem ontem nem é amanhã: é o mistério. Agora nem é o sol nem é o mistério, nem dia nem noite: é o conflito, a antítese, o drama, a angústia, a paixão. Olhas os meus olhos, com ternura como duas pombas ou duas miosótis. Mas a despedida fogosa da luz vergasta-me a volúpia. Estremeço e olho-te. Olhas-me e desejas-me. Beijamo-nos, beijamo-nos. Um derradeiro raio de sol refulge nas vidraças, grita na paisagem, acende-me o loiro dos cabelos, desnuda o gume dum brilhante em meu dedo, abre a golfada vermelha do verniz em minhas unhas.

Entre o dia e a noite, de  
7 de Dezembro de 1947

# NOTAS CRITICAS

por JOSÉ ROYZ

## "ROMANCE"

Poesias de Vasco de Lima Couto (1)

— O autor, rapaz de vinte e dois anos, apenas, já aqui foi apresentado. O seu livro, que agora surgiu a público, constituem-no 33 poesias leves, musicais e fluentes. Nelas, anda um pouco de máguia, de desalento, de infantilidade, de sensualismo e de inconsequência.

A sua queixa é bastante pueril, talvez porque o autor é novo, talvez porque o motivo é fútil. Todavia, o poeta mostra qualidades muito apreciáveis e não é a ele que endossamos responsabilidades por aquilo. Amadurecido, novas razões farão vibrar o seu espírito e melhor obra nos dará, concerteza. Só lhe indicamos que fuja de certas exageradas influências, como a de António Botto (vejam-se, por exemplo, os "Quatro Poemas dum Amor Passado") e a de Homem de Melo (veja-se por exemplo, "Renúncia"). Algumas poesias acusam tanto a marca duns poetas e de outros que temos a impressão de que elas fôram feitas logo após os ter lido. E, contudo, Lima Couto pode ser original, como o demonstram "Revolta", "Para a tua paz" e "Poema para o teu encantamento".

\*  
\*  
\*

## "HISTÓRIA DA IGREJA"

pelo P.<sup>e</sup> Miguel de Oliveira (2)

— Acabámos de ler a 2.<sup>a</sup> edição deste livro. Apresentação interna agradável, boa disposição dos assuntos, maneira quasi excelente para quem queira aprender. Mas, além de não estar de acôrdo, em certas passagens, com as últimas conclusões da investigação histórica, a obra é um revoltante plágio do "Manuel d'Histoire E'cclésiastique" (adaptation de la 2.<sup>e</sup> édition hollaïndaise du R. P. Pierre Albers, S. J., par le R. P. René Hedde, O. P.), Paris, Gabalda, 1926. O des-pudor é tamanho que as frases são apenas traduzidas (às vezes, truncadas) e dispostas ao capricho do pavão! Parece impossível que isto se possa cometer em Portugal, sem uma onda de desprezo sobre o autor, até que ele se penitencie de tal acção!

- (1) Livraria Portugalia, Porto.  
(2) União Gráfica, Lisboa.

# Poesia

## Anunciação

Naquele sítio onde podia passar gente,  
Eu puxava-te para um canto, de repente,  
E nos teus olhos perturbantes, transparentes,  
Esquecia o lugar, o tempo, as gentes...

Por teus olhos implorantes me perdia,  
A nascer-me do sangue uma euforia.  
O gomo da tua bôca, então, beijava.  
Tinha a carne cantante e a alma escrava.

Tua bôca ofertante e granadina,  
Gostosa e húmida, era uma neblina,  
Velando-me a essência do desejo,  
Anunciando-a, através do beijo.

Na tímida carícia eu punha fôrça!  
O gôsto pleno fugia como côrça!  
Tua bôca, pisava-a como alfombra!  
Tua essência fugia como sombra...

Ai! na perseguição nunca supunha  
Achar do impossível testemunha!  
Minhas cordas de amor, o vento as tange...  
Ao vento, a minha lira não o abrange!

Há cofres por teu beijo alumiados,  
Mas soturnos e brônzeos e fechados.  
Onde a chave, onde a chave encontrarei  
Que me passe de mendigo para rei?

És pequena, bem me cabes no regaço.  
E no meu se reflue teu corpo lasso...  
Es tão grande! Minha inteira não te vejo!  
Anuncias-te só em cada beijo!

(Do livro a publicar brevemente  
"O canto escuro da minha casa")

Florentino



## Diálogo

Uma estrêla cicia, a ler as Horas.  
Tem saudade a poeira das estradas.  
E, dormentes as dores proclamadas,  
Velam, mudas, angústias noctifloras.

A'gil peixe, tingido das auroras  
Nas escamas luzentes e delgadas,  
Vai nadando, fendendo águas cantadas,  
Poesia do sonho entre as sonoras...

Todo o resto não passa de caixilho,  
Todo o escuro do resto aumenta o brilho  
Que dois seres no cosmos acendêram.

Freme a estrêla, em silêncio, nova lauda...  
Fulge o peixe e, em silêncio, abana a cauda...  
E ambos êles, no entanto, se entendêram.

(Do livro a publicar  
"Peixes, Estrêlas e Homens")

Renato de Valnegro

## Erratas ao número anterior

Anotamos as principais. Em "ANTIMES ARMAND-DUBOIS"; raios, onde está aios (linha 27 do texto). Em "AS PALPITAÇÕES DA ESTÁTUA": amizade, onde está amizade (na dedicatória); "Les archanges sont descendus", onde está "Les archanges ont descendu" (na apresentação); doia-lhe onde está doi-lhe (na penúltima linha do conto). Os outros erros são de fácil corrigenda.

**SOLCRIS**

...é um store

**ARMAZEM DE MERCEARIAS**Cereais — Toucinho  
Gorduras — Sabões**Aires & Magalhães, L.da**

605 — RUA 22 — 609

(Em frente aos novos Paços do Concelho)

Telefone 342  
**ESPINHO****Agrupamento Comercial e Industrial, L.da**

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM  
ESPELHAÇÃO  
FOSCAGEM  
Gravura artística  
em vidroCRISTAL  
EM CHAPAVidro impresso  
em todas as cores

Telefone, 75

Telegramas: ACIL

FÁBRICA E ESCRITÓRIO:

**OVAR**

LARGO 1.º DE DEZEMBRO

**DUARTE & C.ª**

— Armazenistas de Mercaria —

Rua 19 - **ESPINHO**

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO:

**Mercearia Porto** **ESPINHO**

Piaçadores, 104 - Tel. 3771

— **GAIA** —

Rua Dezanove - Telef. 16

**SABOARIA ATLANTICA**

Rua 26

**ESPINHO****Cadinha & Couto**

Armazenistas de Mercaria

Azeite, Cereais, etc.

RUA DEZOITO  
Telefone, 52  
**ESPINHO****DIAS & IRMÃO, L.DA**

Armazenistas — Mercaria fina

Unicos agentes oficiais do concelho  
de Espinho, dos Radios PHILIPS

Rua 8 n.º 583

**ESPINHO**

ANTES E DEPOIS DO CINEMA VÁ AO

**SOL D'OIRO**

(PEGADO AO TEATRO S. PEDRO)

**RUA OITO**

(Caves da Séde do Sporting Espinho)

Cervejaria, Café, Bar com  
seccão de Adega RegionalARMAZÉM DE MERCEARIAS FINAS  
— CHÁS E CAFÉS —  
GRANDE DEPÓSITO DE CONSERVASTELEFONE N.º 37  
APARTADO 37**União Comercial de Espinho, L.ª**  
ARMAZENISTAS

FÁBRICAS DE:

TORREFACÇÃO E MOAGEM  
LICORES E XAROPES  
— UNIAO —

Rua 19 — 409 a 421

**ESPINHO****PADARIA PROGRESSO**

D E

**Manuel Maria Valente****DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICILIOS**Fabrico esmerado de todas  
— as qualidades de pão —

Telefone 6 - (PARAMOS)

**SILVALDE****PADARIA MECANICA****A PÉROLA DE ESPINHO**

— DE FARIA &amp; IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo  
bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos  
mecanismos. A higiene é a divisa da Padaria «PÉROLA»

ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84

**ESPINHO****FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS**

— VENDAS POR JUNTO —

**Baptista & Oliveiras**

Unicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimentícias «Mila-  
neza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.ª  
Fábrica Portuguesa de Fermentos Ho-  
landeses, L.ª  
ADUBOS «S. A. P. E. C.»Telef. 21  
gramas: FADINHA  
APARTADO. 5

Rua 62-ESPINHO

**PADARIA PRIMOROSA**

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especia-  
lidade em fabrico de pão de milho

— ESMERO E ASSEIO —

Rua 14, 833

**ESPINHO****TIPOGRAFIA PROGRESSO**Execução de trabalhos tipográficos  
em todos os géneros

RUAS 11 E 20

**ESPINHO**

SÊ BOM SÓCIO  
DA  
ASS. ACADÉMICA  
ASSINANDO O  
*Boletim*

# Boletim

SÊ BOM ASSINANTE  
DO  
*Boletim*  
ANGARIANDO  
ASSINANTES

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

## Canto Coral

Entre nós, o Canto Coral é muito pouco divulgado. Nos estabelecimentos de ensino, nas casas de espectáculo, nas reuniões de rapazes (escoteiros, campistas, etc.), nas próprias igrejas, êle é rudimentarmente praticado e muitas vezes esquecido. A modinha popular, frequentemente ouvida na rádio e em discos, é sempre procurada para regalo de todos, pois o nosso sentimentalismo assim ordena. Em contrapartida, esquece-se quasi sempre a polifonia, admiravelmente bela e imponente.

Esta falta de gosto pelo canto coral e de contacto com grupos corais são já remotos.

No século XVI, Damião de Gois, grande homem de letras e igualmente grande músico, trouxe para Portugal o hábito de cantar em côro, adquirido durante a sua permanência nos centros culturais estrangeiros. Às noites, em sua casa, ensinava com os amigos algumas canções a várias vozes. Os vizinhos e os que passavam estranhavam tanto aquela maneira de cantar que imaginavam tratar-se de manifestações inspiradoras de pouca confiança. Foi tal o borborinho provocado que chegou a ser abordado nos tribunais do tempo. Quando, no estrangeiro, a polifonia era já uma certeza, em Portugal, ao aparecer como novidade, julgaram-na como arte pouco segura e subversiva.

É grande o atraso neste ponto e deve-se, sem dúvida à falta de orientação musical. Os nossos compositores e dirigentes corais preocupam-se pouco com

## A Associação Académica A Minha Homenagem

O facto da passagem do aniversário da Associação Académica e da publicação dum número especial de "O BOLETIM" deu-me o ensejo de aparecer mesmo *Qua hora non putatis*, para prestar a minha homenagem, pobre mas sincera, a essa simpática Associação.

É sempre motivo da maior e da mais justificada alegria a celebração dum aniversário, todavia, tal alegria é mais e mais justificada quanto é certo que o aniversário conta como triunfo e rejuvenece e justifica uma existência.

A mocidade estudante de Espinho, briosa e altiva, esperança dum futuro melhor para a terra que lhe serviu de berço e a iniciou nas letras ou artes, representada pela Associação Académica, agregando a boa vontade de muitos espinhenses e lutando sempre com o melhor espírito bairrista tem conquistado grandes simpatia e vincada indelével personalidade.

A acção desenvolvida no campo desportivo em especial nos chamados desportos pobres e o facto bem evidente de caracterizar a prática de todos os desportos com a nota do mais puro amadorismo e espírito bairrista, criar-lhe uma tal simpatia e ambiente de expectativa que não resta dúvida constituirá um grande êxito. Em quase todas as Associações desportivas, como ervas daninhas, cresce um espírito de política interna, que corroi as melhores iniciativas e que, regra geral, constitue a causa próxima da decadência ou desinteresse por

parte da massa associativa. Na Associação Académica, qual família íntima, nunca tais ervas viçaram o que é digno dos maiores encômios e fala bem alto dos destinos da mesma.

Ao prestar esta minha homenagem, eu não podia fazê-lo sem realçar a acção brilhante e optimo comportamento do grupo de Hoquei em Patins que tanto nome tem dado à Associação e a Espinho, contribuindo para o brilhantismo do Campeonato Regional do Norte e organizando por sua vez interessantes torneios durante a época balnear, que são sempre um motivo sadio de distração e recreio para os inúmeros veraneantes da Nossa Colónia.

Esta modalidade, tem levado a todos os recantos do país o nome da Associação Académica. E a maneira agarrada e entusiasmada como disputam as provas a que são chamados, aliada a um fio notável de técnica, tem merecido os melhores elogios da imprensa diária que rodeia sempre da maior expectativa a juventude dos elementos que constituem o respectivo grupo.

A publicação deste Jornal incorporado na secção educativa da Associação Académica e a orientação dada ao mesmo, são uma lição a muitos dos chamados grandes, mostrando a beleza do desporto quando servido e usado como tal, e constitue um triunfo de grande relevo do ano que passa que muito honrará a história da vida da Associação Académica.

G. Castro

## Canto Coral

as composições polifónicas e, em grande parte, desconhecem a técnica coral. Ouvem-se canções do nosso folclore em arranjos corais ou orfeónicos inferiores àqueles que um aldeão, rude e inculto poderia, sem esforço, fazer. Somos ricos em canções folclóricas e melodias sentimentais, mas pobres, muito pobres mesmo, em canções corais ou harmonizadas. O próprio Hino Nacional é pobre em harmonia, não se presta para côro, e, se alguém tenta adaptá-lo, encontra dificuldades sem número. Não temos hinos ou canções patrióticas que se prestem para polifonizar. O Hino de Maria da Fonte, o da Restauração, o da Mocidade Portuguesa, cheios de melodias sentimentalistas e nada mais. O conjunto harmonioso é posto de lado.

Tal falta de gosto pelo canto coral e de contacto com grupos corais manifesta-se em todos os ensaios de grupos corais e orfeónicos, pois todos se esquivam a cantar nas vozes intermediárias. Preferem a primeira voz melódica e sentimental. Por falta de educação coral, desconhecem a beleza harmónica que essas vozes intermediárias possuem.

E como a harmonia é a arte de combinar os sons simultaneamente, temos assim as vozes intermediárias a fazer arte, cantando em conjunto.

Procuramos, portanto, a harmonia das vozes cantando em conjunto para nos educarmos musicalmente e deleitarmos o espírito.

Mário Neves

Director do Orfeão da A. A. E.

### FOIHETIM MENSAL

Por: José Corte-Real (PEPE)

#### QUE ISTO DE TER-SE...

#### SANGUE AZUL...

É doença terrível e de certo modo hereditária. Talvez a unica arma contra o mal seja a transfusão. Que isto de ter sangue azul já vem de longe. Talvez seja anemia talvez não seja. O caso é grave e parece não ter cura.

Que isto de ter titulo é velharia porque em 1910 as cotações desceram no mercado. Mas ainda se nasce visconde como se pode

nascer zarolho. São partidas do destino. Que isto de dizer-se nobre e sê-lo é bem difficil. É preciso ser educado e ter um coração generoso e uma alma bem formada. Que eu não sou contra a nobreza, meus senhores; antes pelo contrario. Mas aceitar como nobres os sete milhões de portugueses que tal afirmam é que não aceito. Porque ser nobre não é usar brazão. Qualquer pessoa o pode usar desde que o tenha, o compra ou o consiga. Mas sabe-lo usar é que é difficil.

Porque ser nobre não é afirmar ter sangue azul. Nobre foi Gerales Sem Pavor e teve fama de bandido.

Porque ser nobre não é possuir pergaminhos porque a propaganda pode falsear o valor do produto.

Que isto de ser nobre não é isolar-se no burgo e fazer caretas á plebe. Isso é ser cretino.

Que isto de ser nobre exige educação (que a tantos falta) bom coração (que pou-

cos têm) e consciência (que raros têm) e não apenas atitudes.

Que os loucos também têm atitudes e também podem ser viscondes.

Que isto de nobreza anda muito pouco baixo. E a cura depende da vassourada e da transfusão. Pois andar-se na rua com ares de pavão, com anel de brazão e gritando aos quatro ventos que é filho de algo... pois andar-se na rua convencido que os outros são seus escravos, que a letra é letra morta... não é nobreza mas cretinice.

Sim que isto de ter sangue azul pode ser doença e o melhor é deixá-los em paz. Que isto de ser nervoso é muito triste.

Mas ser nobre, no espirito e no sangue, é qualidade bem difficil e é facultada rara de encontrar nesta parada da vida.

